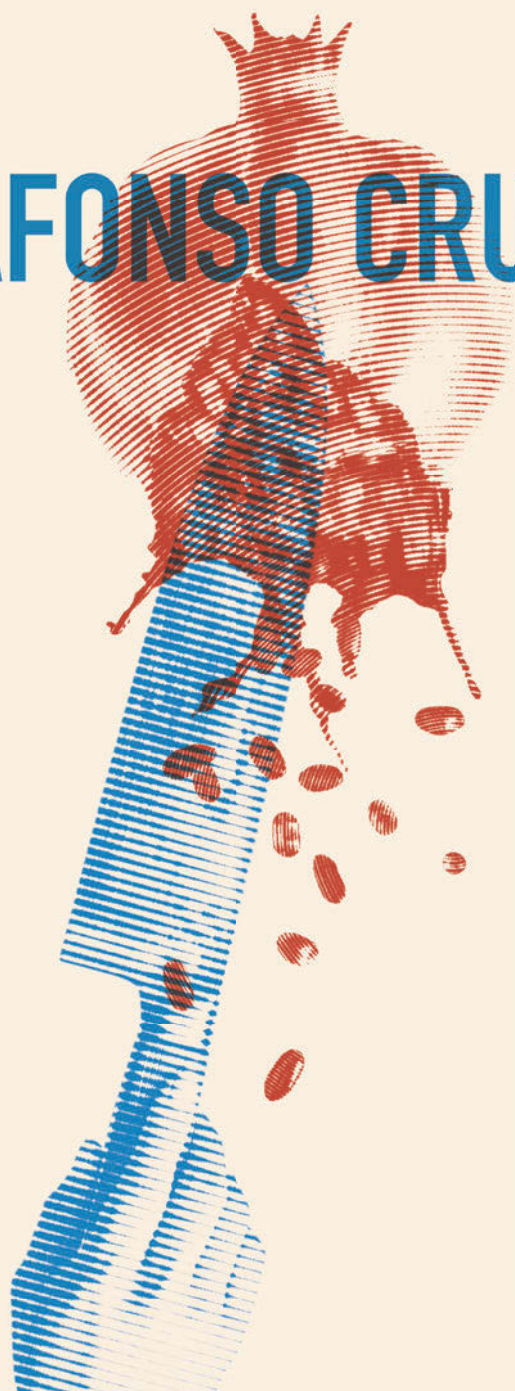


A COZINHEIRA DO DITADOR

AFONSO CRUZ



COMPANHIA DAS LETRAS



O ditador chegou ao meio-dia

Capítulo em que se narra a chegada quotidiana do ditador à mansão, à hora do meio-dia, e se descrevem os sinais exteriores da sua tirania penteada, vista da janela pela narradora, que interrompe a leitura de Séneca para meditar na sua própria condição humilhante.

Idealmente, o meu prato do dia: Ditador
no forno com molho de penduricalhos
dourados.

Fúria, minha fúria, conduz estas mãos ao seu destino.

O ditador chegou ao meio-dia. Regressa sempre do palácio a essa hora. Precisão quase tão confiável quanto o relógio suíço da biblioteca, mais tiquetaque, menos tiquetaque. O som dos portões de aço a abrirem-se, seguido pelo ruído do motor do carro blindado na alameda, é o prelúdio da sua eminente presença para almoçar.

Pousei o volume de Séneca, *Cartas a Lucílio*, que relia com um pouco menos de entusiasmo do que aquele provocado aquando da primeira leitura, mas essa sensação talvez seja fruto do contexto, que é agora bem diferente devido à humilhante condição que me foi imposta. Não me refiro à condição de serviçal sem direitos, jamais me veriam exhibir um desprezo classista, mas sim à indignidade ultrajante de ter de engolir diariamente, sem sequer os poder mastigar, nacos inteiros de vida espezinhada. Da minha janela, vejo o automóvel do grande déspota estacionar, um desportivo de dois lugares conduzido por um motorista careca, daqueles que penteiam o que resta do cabelo de forma a cobrir o deserto da cabeça, por vezes trazendo longos fiapos de cabelo da occipital até à testa, outras vezes lateralizando

o problema, levando os fiapos de um dos lados da cabeça até à região temporal oposta.

Atrás do desportivo, estaciona um segundo carro, de onde saem dois seguranças; outros dois aproximam-se, rostos grosseiramente cinzelados a granito, com maus acabamentos, óculos escuros, fatos escuros, rádio e auriculares, todo o clichê cinematográfico. Um dos seguranças abre a porta do carro e o senhor ditador emerge do cubículo, com aquele cabelo impecavelmente penteado, uma patinagem artística com as piruetas muito bem-comportadas, desenhando riscos de harmonia entre os cabelos brancos e os cabelos negros. Um jornalista francês chamou à sua forma de gestão «tirania penteada».

Nariz de ditador

Capítulo em que a narradora disserta sobre os clichês literários das descrições físicas; contrapõe a imagem estereotipada do ditador e a sua própria; desmonta as convenções do nariz adunco, dos olhos de águia e dos lábios finos ou carnudos; e afirma a sua beleza irresistível, provada pelo facto de ter sido feita prisioneira por um ditador.

Idealmente, o meu prato do dia: Sátrapa
na brasa acompanhado por salteado
de crimes contra a Humanidade.

«Adunco» e «aquilino» são palavras que viram o seu uso praticamente reduzido às frases feitas da literatura no que diz respeito a descrições de narizes. Estes narizes vêm muitas vezes acompanhados de outros elementos da anatomia do rosto, também eles estereotipados, como os «olhos de águia» (para fazer pandã com «aquilino»). Os espécimes em questão compõem, normalmente, rostos de personagens mais ou menos perversas (nas mulheres, podem até vir com verruga). Se o nariz for empinado, denota soberba, se for fino ou pequeno, beleza feminina padronizada, podendo ainda ser grande ou curto ou grosso ou achatado. Mas, ao passo que os narizes têm várias formas de ser quando a descrição aquilina não lhes convém, os lábios só têm duas: ou finos ou carnudos, sendo os primeiros mais adequados a personagens cruéis e os segundos, a personagens sensuais. Como toda a gente sabe, a vida imita a arte, por isso, seria possível julgar a aparência do rosto do senhor ditador com todos os estereótipos literários: nariz adunco, olhos de águia, lábios finos. No que me diz respeito, podem sonhar-me com nariz pequeno, lábios carnudos, olhos meigos (só faltava este clichê para descrever uma mulher que foi confinada à cozinha).

Ora bem, esta descrição é absolutamente falsa. É ele que tem os lábios carnudos, o olhar meigo (doce também funciona) e um nariz pequeno. Eu tenho nariz adunco (sem verruga), lábios finos e olhos de águia. Ele corresponde, portanto, a um certo ideal de beleza, embora seja asqueroso.

A perfídia é como um cheiro, uma aura, uma atmosfera, não tem fisicalidade. Pois este «cheiro» — esta atmosfera, ar, aura, nuvem —, sendo fétido, não nos deixa apreciá-lo como beleza. Ninguém se senta ao lado dum malcheiroso e se deixa deslumbrar pelo rosto de sucesso de bilheteira que essa pessoa possa ter. Eu, no que me toca, seria imaginada como uma pessoa feia ou desairosa, ou até mesmo esquisita, desconjuntada, áspera, com a possibilidade ainda de encarnar o estereótipo da bruxa dos desenhos animados, mas pouco verosímil enquanto tal, por ser desprovida de verruga. A revelação que não deveria ser surpreendente, mas é, porque os clichês funcionam e as pessoas quando lêem «adunco» lêem «não deve ser nada bonito», é que não sou feia, bem pelo contrário. E não me venham com mais frases feitas de que a beleza está nos olhos de quem vê ou, de forma mais simples, que é subjectiva. É, mas não tanto quanto se imagina. Sem contar com o carisma, que possuo em grande quantidade (e que funciona como um perfume agradável), sou belíssima, sensual e insuportavelmente cativante. E modesta também. Para que a minha descrição seja fiel à realidade, basta dizer que um ditador fez de mim sua prisioneira.

Se isso não é métrica para grande beleza, não sei o que será.

O exército de facas

Capítulo em que a narradora desce à cozinha sob a vigilância da criada mais velha e de um guarda trácio; contempla o exército de facas que a tentam como armas contra o ditador; descreve o estranho costume do guarda Dimitar, *o Silencioso*; e revela a sua arte culinária ao preparar um repasto de robalo, espargos e frutas.

Idealmente, o meu prato do dia: Tirano
panado com ideias fritas.

Acompanhada pela serviçal mais velha, um deserto de pessoa, desci a escadaria de mármore, onde os passos não fazem eco porque os tapetes persas são tão espessos, que engolem todo o som.

A cozinha é o meu território, enorme, mas não o suficiente para acomodar a minha querida ira. O percurso da despensa à mesa de trabalho é o meu exercício matinal. As facas estão alinhadas na vertical num suporte magnético, um exército à minha espera: cutelo e cutelão, faca de desossar, facas de trinchar, facas de cortar legumes, facas francesas e faca do pão. Sempre que olho para elas, emociono-me, fantasio com a possibilidade de as enterrar a todas em diferentes partes do corpo do senhor ditador, mas infelizmente a entrada e saída da cozinha é controlada e vigiada em permanência pela criada mais velha, que jamais sorri — creio que tenha esquecido como se faz e o esgar lhe seja agora irrecuperável —, e um segurança mudo que o senhor ditador trouxe da Trácia como troféu de caça. Nunca lhe ouvi a voz, mas ouvi algumas vezes o tirano nomeá-lo: Dimitar, o *Silencioso*. Tem a estranha mania de enfiar pequenos papéis com frases escritas em cirílico no enorme e brilhante bigode negro, que besunta

com azeite. Em algumas culturas, há o costume de esconder amuletos ou pequenos objectos no cabelo ou na barba. Neste caso, não faço a mais pequena ideia porque o faz. Por vezes, abre o colete para retirar um pequeno recipiente de metal que usa pendurado ao peito numa corrente, por baixo da camisa branca. Bebe uns goles de *rakja* — reconheço o cheiro dos abrunhos quando retira a tampa — e volta a guardar o recipiente junto ao coração. Que bonito.

Abri o gigantesco frigorífico e encarei as provisões. Robalo do dia, com os olhos vítreos e claros, brânquias rosa-avermelhadas. Espargos verdes. Pêssegos e pimentos, que trituraria e aos quais juntaria alho cru, sumo de laranja e hortelã, para servir de leite ao robalo fatiado cru, depois de uma cura rápida com sal e açúcar, raspa de citrinos, e marinado em limão. Os espargos caramelizados com manteiga, molho de soja, mel, mostarda, porto e vinagre seriam servidos à parte, com molho de iogurte, gengibre, alho, azeite e cebolinhas fermentadas com malaguetas e alhos. Nada muito exótico, nada comparado com um desportivo conduzido por motorista, mas suficientemente sofisticado para fazer um senhor ditador sentir-se senhor ditador.

A cozinheira do ditador

Ela tem lábios finos, olhos de águia e nariz adunco. Ele, lábios carnudos, olhos meigos e nariz pequeno. De fora, ninguém diria ser ele o agressor e ela, a vítima. Um olhar mais demorado, porém, uma atenção redobrada, e a hierarquia torna-se evidente: ele manda, ela obedece; ele põe e dispõe; ela come e cala. Mas também cozinha. Porque ela é a cozinheira do ditador. E, entre tachos e panelas, além de belos repastos para tentar satisfazer a sempre insaciável fome do ditador, ela cozinha a sua vingança, que, como as mais belas vinganças literárias, se serve fria e metaforicamente.

A cozinheira do ditador, tratado de culinária e da arte de bem comer, é um romance divertido e mordaz sobre a perversidade que se esconde onde menos se espera e o muito que se cozinha na sombra, recheado de personagens ímpares e temperado com a reconhecida audácia de Afonso Cruz.



«A cozinha é o meu território, enorme, mas não o suficiente para acomodar a minha querida ira. O percurso da despensa à mesa de trabalho é o meu exercício matinal. As facas estão alinhadas na vertical num suporte magnético, um exército à minha espera: cutelo e cutelão, faca de desossar, facas de trinchar, facas de cortar legumes, facas francesas e faca do pão. Sempre que olho para elas, emocionou-me, fantasio com a possibilidade de as enterrar a todas em diferentes partes do corpo do senhor ditador, mas infelizmente a entrada e saída da cozinha é controlada e vigiada em permanência pela criada mais velha, que jamais sorri [...], e por um segurança mudo que o senhor ditador trouxe da Trácia como troféu de caça. Nunca lhe ouvi a voz, mas ouvi algumas vezes o tirano nomeá-lo: Dimitar, o *Silencioso*.»



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

  [companhiadasletrasportugal](https://www.instagram.com/companhiadasletrasportugal)

ISBN: 978-989-784-928-2



9 789897 849282